



QUAL LUGAR DAS PARENTALIDADES NEGRAS NO ESTUDO DAS FAMÍLIAS LGBTQIA+?

Daniela Guedes – Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Integra o Núcleo de Antropologia Visual (PPGAS/UFRGS) e-mail: danielaguedes01@hotmail.com

Introdução

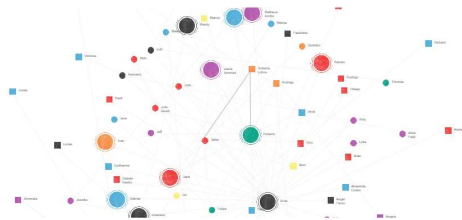
- Este trabalho é um dos desdobramentos do projeto de pesquisa sobre a Família Stronger, coletivo LGBTQIA+ periférico da cidade de São Paulo, coordenado pelo Prof^o Vitor Grunvald (UFRGS)
- O principal objetivo é realizar uma análise das práticas e agenciamentos produzidos pelo coletivo de forma a compreender seus modos de fazer-família. Para tanto, traçamos possíveis aproximações entre as maneiras de constituição de parentesco das comunidades negras e aqueles produzidos pelas famílias LGBTQIA+.
- Utilizamos os materiais etnográficos e seus produtos audiovisuais provenientes do trabalho de campo realizado pelo Prof^o Vitor Grunvald e pelo realizador audiovisual Paulo Mendel com a Família Stronger desde 2016.

A Família Stronger e outras Famílias LGBTs

- Inicialmente conhecidas como "famílias da noite" as *Famílias LGBTs* são coletivos compostos por jovens LGBTQIA+ periféricos da cidade de São Paulo que formavam agrupamentos em busca de proteção e segurança.



Brasão da Família Stronger



Representação visual do diagrama de parentesco da Família Stronger desenvolvido a partir de círculos concêntricos. O material etnográfico está disponível no site do projeto: <http://www.familiastronger.com/>

- Por vezes abandonados por seus parentes consanguíneos, esses jovens encontram acolhimento no que passam a assumir como famílias, adotando um sobrenome em comum e se relacionando como parentes.
- A *Stronger*, família composta por cerca de 250 membros que surgiu em meados de 2006, é um dos coletivos que ocupa a região do Largo do Arouche no centro da cidade de São Paulo, local mítico de surgimento das famílias LGBTs.

Principais discussões: corporalidades, dissidências e comunitarismo

- Os modos de fazer família da *Stronger* são informados por determinados pertencimentos raciais interseccionados com as dinâmicas próprias que as vivências LGBTQIA+ estabelecem.
- Muitos membros do coletivo, inclusive em suas famílias consanguíneas, possuem relações parentais onde os papéis familiares são redesenhados com a finalidade de promover suporte, cuidado e afeto aos parentes. Esta é uma característica das parentalidades negras exercidas por meio de concepções comunitaristas acerca da família em oposição aos modelos privatistas de família nuclear (Collins, [1990] 2019).
- Os critérios de pertencimento à família e a definição dos papéis familiares são marcados por formas desubstancializadas de funcionamento do parentesco.
- O ingresso na família ocorre por meio de adoções e os papéis familiares são posições relacionais definidas por limites fruídos e transitórios independentes das realidades sexuadas dos corpos. Assim, existem *mães* ou *pais* que são mais novos/as que filhos/as adotadas. Mães que são homens ou *drags* ou *travestis*. Mulheres que são *pais* e assim por diante.
- Tais características se assemelham ao funcionamento do parentesco na socialidade pré-colonial Oyó-Ioruba do sudoeste da Nigéria, conforme descrito por Oyèrónkẹ Oyèwùmí (1997). Assim como a *Stronger*, estas comunidades não possuem um apreensão político social de tipo de corpos de modo que as distinções anatômicas dos sujeitos/os informadas por padrões de gênero não são determinantes para organização dos papéis familiares.

Notas finais: vulnerabilidades e politizações

- Muitas famílias LGBTs, ao longo do tempo, modificaram suas relações com as lutas políticas e começaram a ter maior protagonismo em espaços de ativismo.
- Tais movimentos foram impulsionados pela extrema vulnerabilidade ao qual corpos LGBTQIA+ estão expostos. A experiência da *Stronger* revela como determinadas formas de fazer-família possibilitam e fundamentam determinados tipos de atuações políticas.

Referências

- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, [1990] 2019.
- OYÈRÓNKẸ, Oyewumi. Conceituando gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Jendra, Dakar, v. 1, n. 1, p.1-8, jan. 2004